

Revista Adventista

Dobremos a nossa colecta da Rádio

19 DE MAIO DE 1951

Antes de morrer, Moisés, fiel servo de Deus, experimentou a necessidade de lembrar aos filhos de Israel os benefícios que o Senhor lhes tinha prodigalizado desde a saída do Egipto. Implorando a misericórdia divina sobre um povo que tantas vezes só tinha manifestado ingratidão pelos benefícios recebidos, exclamou: «Senhor Jeová! já começaste a mostrar ao Teu servo a Tua grandeza e a Tua forte mão: porque, que Deus há nos céus e na terra que possa obrar segundo as Tuas obras e segundo a Tua fortaleza?» Deut. 3:24.

Esta vista retrospectiva inspirou sem dúvida aos Hebreus um vivo sentimento de humildade e inspirou-os com um desejo sincero de corresponder melhor de futuro à alta vocação com que Deus os honrara.

Quando pensamos no humilde começo da obra da rádio em geral, e da «Voz da Esperança» e dos cursos bíblicos por correspondência em particular, e quando consideramos a extensão mundial desta evangelização especial, sentimo-nos levados a repetir com Moisés: «Senhor Jeová! Já começaste a mostrar a Teus servos a Tua grandeza e a Tua mão forte».

Se hoje, no mundo inteiro, a mensagem adventista é anunciada através de mais de 600 postos emissores, mais de 30 estações proclamam-na actualmente nos diferentes territórios da nossa Divisão. Dos 810.000 alunos matriculados nos cursos bíblicos por correspondência em nossas escolas do campo mundial, 31.000 pertencem à nossa Divisão. Assim, milhões de páginas impressas contendo a mensagem da bemaventurada esperança da segunda vinda de Cristo foram já espalhadas e penetraram nos lares mais recônditos. Nossos cursos bíblicos são verdadeiramente como luzes no seio das trevas e são nossas emissões radiofónicas que dirigem incansavelmente os ouvintes para estas escolas,

que até ao presente se revelaram uma verdadeira benção.

Durante os dois últimos anos, perto de 300 almas preciosas foram ganhas pela obra da rádio e dos cursos bíblicos por correspondência. Não é maravilhoso? Sim, o Senhor mostrou a Sua grandeza e a Sua mão poderosa.

Nem sempre se compreende o alcance da bendita influência exercida por nossas emissões radiofónicas. Grande número de nossos obreiros e membros, alguns dos quais eram bastante cépticos quanto ao rendimento da obra da rádio, têm-nos declarado quão admirados ficaram ao ouvir, durante a campanha das missões, grande número de pessoas dizer-lhes até que ponto apreciavam as palestras da «Voz da Esperança». Por outro lado, as almas ganhas pelos cursos bíblicos por correspondência são geralmente, segundo nos dizem, as mais bem instruídas que entram na igreja, e os alunos que se inscreveram no curso bíblico depois de ter ouvido as nossas emissões radiofónicas são os mais regulares. Não desejaríamos deixar de agradecer aqui ao Senhor pelas múltiplas benções que espalhou sobre os nossos locutores, sobre os que têm a tarefa de preparar os programas, assim como sobre o nosso valoroso pessoal dos cursos por correspondência, bem como sobre os nossos fieis membros que tanto têm contribuído para fazer conhecer esta obra de Deus mantendo-a com os seus meios.

Mas lembremo-nos de que necessitamos de somas cada vez mais importantes para que possamos continuar a espalhar a mensagem através dos ares. Constantemente

se abrem novas portas. Outros postos emissores são-nos acessíveis. Outros campos nos estendem os braços porque desejariam também ouvir o nosso programa. Um novo esforço, um esforço particular, é necessário este ano. No interesse desta obra da rádio e do seu desenvolvimento, decidimos, no último Conselho Anual da Divisão realizado em Roma, pedir aos dirigentes da nossa obra, a todos os nossos obreiros e membros, que dobrem este ano os seus dons em favor da obra da rádio. O Senhor não nos pede apenas as nossas orações e trabalhos, mas também o nosso dinheiro.

Milhões de pessoas desejariam ainda ouvir as nossas emissões. Quem sabe quanto tempo teremos ainda a possibilidade de prègar pela rádio? Sabemos que todos, obreiros, membros e amigos da verdade, sustentarão esta obra com todos os seus meios, e que cada um, generosamente, se esforçará por nos aliviar na nossa tarefa. Desde já, um grande um caloroso muito obrigado.

M. FRIDLIN

Secretário do Departamento da Rádio
da Divisão Sul-Europeia

A LIBERALIDADE DO POVO DE DEUS

No seu artigo, o Ir. Fridlin faz um apelo à generosidade de todos para que este ano o resultado da colecta em favor da obra da Rádio dobre o de 1950. No fim do último mês de Novembro, o total recolhido em nossa Divisão subia a 11.721 francos suíços. Estou convencido de que, com o auxílio de Deus, poderemos reunir o dobro em 1951. É maravilhoso constatar o que podemos fazer quando, impelidos pela caridade, sustentamos a causa de Deus com todo o nosso coração. Mesmo os mais pobres tiram então dons abundantes de seus modestos recursos.

A narrativa do óbolo da viuva não se encontra no Evangelho por um simples acaso. Jesus serviu-se deste comovente exemplo para nos dar uma lição. Diz-nos Ele: «Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento.» Marc. 12:43,44.

«Quando Jesus disse da viuva que ela 'lançou mais do que todos', Suas palavras eram verdadeiras, não somente quanto ao motivo, mas no que respeita aos resultados da oferta. As 'duas pequenas moedas, que valem cinco réis' têm trazido ao tesouro do Senhor uma quantia muito superior às contribuições daqueles ricos judeus. A influência daquela pequenina oferta tem sido como um rio, pequeno ao começo, mas que se amplia e aprofunda

à medida que corre através dos séculos. Tem contribuído por mil maneiras para alívio dos pobres e disseminação do Evangelho. Seu exemplo de sacrifício tem agido e tornado a agir sobre milhares de corações em todas as terras e em todos os séculos. Tem sido como um apelo dirigido a ricos e pobres, e as dádivas destes avolumam o valor da oferta da viuva. A benção divina sobre as suas moedas tem feito delas fonte de grandes resultados. Assim quanto a todo o dom oferecido e todo o acto realizado com sincero desejo de promover a glória de Deus. Liga-se aos designios do Onipotente. Seus resultados para o bem não podem ser calculados por homem algum». *O Desejado de todas as Nações* p. 459.

Outro exemplo é o de Maria e do sacrifício que ela fez para ungir Jesus. Essa mulher dispendeu provavelmente todo o dinheiro que possuía para testemunhar seu afecto pelo Salvador. Este não foi insensível ao seu gesto de abnegação. «Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho for prègado, em todo o mundo, também será referido o que ela fez, para memória sua.» Mat. 26:13.

«Contemplando o futuro, o Salvador falou com segurança a respeito do Seu Evangelho. Ele devia ser prègado por todo o mundo. E onde quer que se estendessem o evangelho, a oferta de Maria havia de espargir sua fragrância, e por sua espontânea acção seriam abençoados outros corações. Erguer-se-iam e cairiam

impérios: seriam esquecidos nomes de monarcas e conquistadores; mas o feito dessa mulher seria immortalizado nas páginas da sagrada história. Até que não existisse mais o tempo, aquele partido vaso de alabastro contaria a história do abundante amor de Deus por uma raça caída». *O Desejado de todas as Nações*, p. 418.

Os primeiros cristãos sustentavam generosamente a obra de Deus. O Espírito de Profecia diz-nos a este propósito:

«A liberalidade dos crentes era o resultado da efusão do Espírito. 'Era um o coração e a alma' dos convertidos ao Evangelho. Um interesse comum os dominava — o sucesso da missão que lhes tinha sido confiada; não tinha lugar a cubição na sua vida. O seu amor pelos irmãos e pela causa que tinham desposado era mais forte do que o amor ao dinheiro e às possessões materiais. Suas obras provam que atribuíam mais valor às almas do que aos bens terrestres».

«O mesmo sucede quando o Espírito de Deus toma posse da vida. Aqueles cujo coração está cheio de amor de Cristo, seguirão o exemplo do que se fez pobre por nós, a fim de que sejamos enriquecidos pela Sua pobreza. O dinheiro, o tempo, a influência, todos os dons que receberem da mão de Deus, serão considerados unicamente como um meio de fazer progredir a obra do Evangelho. Assim sucedia na igreja primitiva, e, quando na igreja actual se observar que pelo poder do Espírito os membros desviaram o seu afecto das coisas do mundo e estão prontos a fazer sacrificios para levar aos seus semelhantes o conhecimento do Evangelho, as verdades proclamadas terão uma

influência poderosa sobre os ouvintes». *Acts of the Apostles*, pp. 70, 71.

Aguardamos a chuva serôdia, a grande efusão do Espírito Santo que deve acabar a obra. Como ela se manifestou no começo da era cristã pela liberalidade dos filhos de Deus, assim reaparecerá nos últimos tempos sob forma idêntica. Se os nossos corações permanecerem ligados às coisas terrestres e não quiserem separar-se delas em proveito da causa do Senhor, não será isso uma prova da nossa indiferença e do facto de não acolhermos o Espírito Santo em nós?

A narrativa dos começos do movimento adventista contém muitos exemplos patéticos do espírito de sacrificio manifestado pelos que colaboravam no avanço da obra. José Bates consagrou toda a sua fortuna à proclamação da mensagem. Uma jovem viuva vendeu sua casa para poder oferecer os meios necessários à impressão de um livro. Um lavrador desfez-se dos seus dois bois para colaborar na compra de um terreno e na aquisição de um prelo. E poderíamos multiplicar a enumeração de factos semelhantes.

Hoje, as emissões radiofónicas e o curso bíblico por correspondência contribuem eficazmente para a difusão da mensagem. Ninguém, sem dúvida, desejará que, por falta de recursos, seja necessário limitar nossas actividades tão fecundas e suprimir esses meios de tornar conhecido o Evangelho.

Queremos, pelo contrário, por ocasião da colecta de 19 de Maio, levar o nosso concurso entusiástico a essa bela obra. Que o Senhor nos ajude a responder generosamente ao Seu apelo!

R. GERBER

O COMPORTAMENTO NA CASA DE DEUS

Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na terra é como que a porta do céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembleia lá do alto, para aquela reunião sublime, à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida.

Da santidade atribuída ao santuário terrestre, os cristãos devem aprender

por E. G. WHITE

como considerar o lugar onde o Senhor Se propõe encontrar-Se com Seu povo. Houve uma grande mudança, não para melhor mas para pior, nos hábitos e costumes do povo com relação ao culto religioso. As coisas sagradas e preciosas, destinadas a prender-nos a Deus, estão quase

perdendo a sua influência sobre nosso espírito e coração, sendo rebaixadas ao nível das coisas comuns. A reverência que o povo antigamente revelava para com o santuário onde se encontrava com Deus, em serviço santo, quase deixou de existir completamente. Entretanto, Deus mesmo deu as instruções para o Seu culto, elevando-o acima de tudo quanto é terreno.

A casa é o santuário da família; e o aposento ou a floresta o lugar mais recôndito para o culto individual; mas a igreja é o santuário da congregação. Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira do culto. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino, deve ser tratado com negligência ou indiferença. Para que os homens possam verdadeiramente glorificar a Deus, importa que em sua associação de ideias façam distinção entre o que é sagrado e o que é profano. Os que têm ideias amplas, nobres pensamentos e aspirações, são os que têm associações que fortalecem todos os pensamentos sobre as coisas divinas. Felizes os que possuem um santuário luxuoso ou modesto, seja no meio de uma cidade ou entre as cavernas das montanhas, no humilde aposento particular ou nalgum deserto. Se for esse o melhor lugar que lhes é dado arranjar para esse fim, Deus o santificará pela Sua presença e será santidade ao Senhor dos exércitos.

Quando os crentes penetram na casa de culto, devem guardar a devida compostura e tomar silenciosamente o seu lugar. Se houver na sala uma estufa, não convém agrupar-se em torno dela em atitude indolente e de abandono. Conversas vulgares, cochichos e risos, não devem ser permitidos na casa de culto, nem antes nem depois do serviço. Uma ardente e profunda piedade deve caracterizar todos os adoradores.

Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à devoção e meditação silenciosa, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial, operando a convicção e conversão em outras almas. Devem lembrar-se de que estão presente ali mensageiros do céu. Perdemos geralmente muito da suave comunhão com Deus pela nossa falta de quietude e por não nos darmos à reflexão e oração. O estado espiritual da alma necessita muitas vezes ser passado em revista, e o espírito e coração serem elevados para o Sol da Justiça. Se os crentes, ao entrarem na casa de oração, o fizessem

com a devida reverência, lembrando-se de que se acham ali na presença do Senhor, seu silêncio redundaria num testemunho eloquente. Os cochichos, risos e conversas, que se poderiam admitir em qualquer outro lugar, não deveriam ser sancionados na casa em que Deus é adorado. Cumpre preparar o espírito para ouvir a palavra de Deus, a fim de que esta possa exercer impressão e influir sobre a alma.

O ministro deve entrar na casa de oração com uma compostura digna e solene. Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em silenciosa oração e pedir fervorosamente a assistência de Deus. Que impressão não fará isto! A solenidade apoderar-se-á de toda a congregação. Seu ministro ali está comunicando com Deus, encomendando-se a Ele antes de ousar apresentar-se diante dela. Uma profunda solenidade invade tudo e a todos, e os anjos de Deus são trazidos para bem perto. Cada um dos congregados deve, de cabeça inclinada, associar-se ao pregador em silenciosa oração, e suplicar a Deus que abençoe a reunião pela Sua presença, imprimindo virtude à palavra ministrada por lábios humanos. Ao ser aberta a reunião com oração, cada qual deve ajoelhar-se na presença do Altíssimo e elevar o coração a Deus em silenciosa devoção. As orações dos fiéis serão ouvidas e o ministério da palavra provar-se-á eficaz. A atitude indiferente dos crentes na casa de Deus é um dos grandes motivos por que o ministério não causa maiores resultados. A melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e distinto, representa um dos instrumentos divinos na conversão de almas. Todo o serviço deve ser efectuado com solenidade e reverência, como se fora feito na presença pessoal de Deus mesmo.

Quando a palavra é exposta, deveis lembrar-vos, irmãos, de que é a voz de Deus que vos está falando por meio de Seu Servo. Escutai com atenção. Não dormiteis nessa hora; porque assim fazendo é possível escaparem-vos nesse momento justamente as palavras que mais necessitais ouvir — palavras que, atendidas, vos livrariam de enveredar por um caminho errado. Satanaz e seus anjos estão activos, criando uma espécie de paralisia dos sentidos, de modo a não serem ouvidas as admoestações, advertências e repreensões, ou, se ouvidas, não terem efeito sobre o coração, transformando a vida. Às vezes é uma criança que desvia de tal modo a atenção dos ouvintes, que a semente pre-

ciosa não cai em terreno fértil para produzir fruto. Outras, são os rapazes e meninas que revelam tão pouco respeito pela casa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação. Se estes pudessem perceber os anjos que os estão observando e notando o seu procedimento corariam de pejo e se aborreceriam a si próprios. Deus quer ouvintes atentos. Foi enquanto os homens dormiam que Satanaz aproveitou semear a sizânia.

Ao ser pronunciada a bênção, todos devem conservar-se quietos, como temendo ficar privados da paz de Cristo. Saiam então todos sem se atropelarem e evitando falar em voz alta, portando-se como na presença de Deus e lembrando-se de que Seus olhos repousam sobre todos. Ninguém deve deter-se nos corredores para encontros e tagalerice impedindo a passagem aos outros que buscam a saída. Os arredores imediatos da casa de oração devem caracterizar-se por uma grave solenidade, evitando os crentes o fazer deles lugar de encontro com os amigos, a fim de trocarem frases banais ou trataram de negócios. Tais coisas não convêm na Casa de Deus. Deus e os anjos têm sido desonrados pela maneira irreverente com que os crentes se portam nalgumas igrejas, acordando os ecos com suas gargalhadas e fazendo barulho com os pés.

Pais, exaltai o padrão do Cristianismo no espírito de vossos filhos; ajudai-os a entretecer a pessoa de Jesus em sua experiência; ensinaí-os a ter maior respeito pela casa de Deus e a compreender que quando entram ali devem fazê-lo com o coração comovido ocupando-se com pensamentos como estes: «Deus está aqui; esta é a Sua casa. Devo alimentar pensamentos puros e guiar-me pelos mais santos propósitos. Não devo conservar em meu coração orgulho, inveja, ciúme, suspeitas, ódio ou engano; porque estou na presença de Deus. Este é o lugar onde Deus vem ter com o Seu povo e o abençoa. O Altíssimo e Santo, que habita na eternidade, me vê, esquadrinha meu coração, e lê meus mais secretos pensamentos e actos de minha vida.

Irmãos, não seria bom meditardes um pouco sobre este assunto, reparando na maneira por que vos conduzis na casa de Deus e nos esforços que estais envidando por preceito e exemplo, a fim de cultivar em vossos filhos a reverência? Imputais vastas obrigações ao pregador, responsabilizando-o pela alma de vossos filhos, mas vós mesmos estais esquecidos de

vossos deveres como pais e instrutores, de, como Abraão, ordenar vossa casa, depois de vós, para que guardem o caminho do Senhor. Vossos filhos e filhas se corrompem pelo vosso próprio exemplo e vossa frouxa disciplina, e, mau grado essa grave falha na educação doméstica, entendeis que o ministro deve poder combater sua influência e realizar o prodígio de educar o coração de vossos filhos na piedade e virtude. Depois de o ministro haver feito pela igreja quando nele cabe, admoestando-a fielmente e com bondade, procurando encaminhá-la com paciência e fazendo ardentes preces pelo resgate e salvação de cada alma, e não ter em seus esforços alcançado o almejado êxito, os pais não raro o censuram por não verem convertidos os filhos, quando a causa disto está na sua própria negligência. A responsabilidade pesa sobre os pais; quererão aceitar a missão de que Deus os incumbiu e desempenhar-se dela com fidelidade? Quererão ir adiante e esforçar-se num espírito humilde, paciente e perseverante, por atingir o elevado padrão, eles próprios, levando consigo os filhos? Não admira que nossas igrejas estejam fracas e não reine nelas a reverência profunda que as deveria caracterizar. Nossos actuais actos e costumes, que desonram a Deus e tornam banais as coisas divinas, nos são contrários. Somos depositários de uma Verdade Sagrada, probante e santificadora; se nossos hábitos e práticas não se coadunarem com a mesma, pecamos contra uma grande luz e nossa culpa será correspondente. Mais tolerável do que para nós há-de ser para os gentios a justiça retributiva de Deus no dia de juízo.

Muito mais do que estamos actualmente fazendo, poderia ser feito a fim de irradiar a luz da verdade. Deus espera que dêmos muito fruto. Deseja ver maior zelo e fidelidade, e esforços mais diligentes e caritativos da parte dos membros da igreja a favor dos vizinhos e dos que estão sem Cristo. Os pais devem começar seu trabalho de acordo com um plano elevado. Todos os que mencionam o nome de Cristo devem vestir-se da armadura de Deus e admoestar e advertir, esforçando-se por salvar almas do pecado. Levai todos os que puderdes a ouvir a Verdade na casa de Deus. Devemos desenvolver maior diligência do que fazemos, a fim de arrancar almas ao fogo.

É um facto deplorável que a reverência pela casa de Deus esteja quase extinta. As coisas e lugares sagrados já não se

discernem; as coisas santas e elevadas não são apreciadas. Não haverá uma causa para essa falta de legítima piedade nas famílias? Não será acaso por que a elevada norma da religião esteja abatida até ao pó? Deus deu a Seu povo na antiguidade regras precisas exactas sobre ordem. Porventura terá mudado? Não será Ele mais o Altíssimo e todo-poderoso que domina sobre o Universo? Não conviria lermos as instruções que Deus mesmo se

dignou dar aos antigos hebreus para nós, que temos a verdade gloriosa irradiando sobre nós, os imitemos em Sua reverência para com a Casa de Deus? Temos motivo de sobra para alimentar espírito de fervor e devoção no culto divino. Temos mesmo motivos para ser mais ponderados e reverentes em nosso culto do que os judeus. Mas um inimigo tem estado a trabalhar, a fim de destruir nossa Fé na santidade do culto cristão.

Através do Mundo Adventista

Alemanha

Dos nossos 44.226 membros de igreja, 19.895 vivem para além da cortina de ferro e não podem ser informados nem instruídos tão rápida e eficientemente como seria para desejar. Ali os nossos membros não têm um jornal de igreja, folheto, revista ou qualquer outro meio de comunicação que não seja o oral.

Até agora só tem sido possível fazer reuniões em salas alugadas. Estamos contentes porque nos acaba de ser concedida autorização para construir algumas capelas, onde podemos receber visitas e realizar trabalho de evangelização.

Na zona ocidental é diferente. Temos aqui plena liberdade para realizar o nosso trabalho, mas como a Alemanha sofreu muito com ataques aéreos, há uma grande falta de salas, o que nos obriga a reduzir a evangelização a uma escala inferior. Recentemente pudemos reconstruir algumas das nossas capelas e salas destruídas e começar nelas esforços de evangelização.

Têm-se registado as melhores experiências onde os ministros têm podido obter completo apoio dos membros de igreja. Em tais casos, a evangelização constitui a melhor obra de reavivamento em favor dos próprios membros. Esta espécie de trabalho pode fazer-se com um mínimo de despesas e por vezes com maravilhoso sucesso. Um dos nossos ministros, por exemplo, sem uma única sala onde reunir assistência, trabalhou só em casas particulares e teve a alegria de ganhar num ano 143 almas e no ano seguinte 144.

Em Berlim, estamos alegres por ver

as nossas salas cheias, tanto no sector ocidental como no oriental. No sector oriental (russo) as salas chegam a não conter a assistência e temos razões para esperar um bom sucesso. — *W. Mueller.*

A Voz da Profecia na Divisão Australiana

A Voz da Profecia é talvez o nosso melhor instrumento para atingir todas as classes. Através de uma rede de cinquenta e nove estações, as nossas emissões chegam a todos os cantos da Divisão. Um corpo numeroso de obreiros completa o trabalho, com visitas e estudos individuais. Em 1950, pelo menos 150 pessoas aceitaram a verdade por intermédio da Voz da Profecia. — *J. B. Conley.*

China

Em 1950 realizaram-se 118 esforços de evangelização, através dos quais 3.394 pessoas foram baptizadas. A igreja da sede da Divisão Chinesa, em Ningkuo Road, realizou um esforço perto de Wayside, em resultado do qual se baptizaram noventa e oito pessoas e se organizou uma igreja.

No Conselho de Inverno da Divisão Chinesa, reunido recentemente em Changai, fizeram-se planos para 156 esforços de evangelização durante este ano, e foi proposto um alvo de 5.170 almas a serem ganhas através deste esforço. Os obreiros esperam que o Senhor abençoe ricamente estes planos. — *Chen Ming.*

Divisão do Extremo Oriente

Fizeram-se planos para se prègar pelo menos um sermão com a mensagem do Advento em cada cidade e vila da Divisão e aí obter inscrições para o Curso Bíblico por correspondência. — *F. W. Detamore.*

Madagascar

Durante o ano passado, abriram-se dezasseis novas salas entre os Malgaxes, e foram baptizadas 180 pessoas. Todos os obreiros, europeus e indígenas, participaram no trabalho de evangelização. O alvo para baptismos em 1951 é de 425. O Ir. H. Pichot, presidente da União, transmitiu o seu entusiasmo a todos os seus colaboradores. — *A. Meyer.*

Reunião

Esta ilha fanáticamente católica esteve fechada a toda a influência protestante até que os adventistas ali entraram há poucos anos. O terrível ciclone que assolou a ilha em 1948 destruiu por completo uma grande igreja católica, em pedra, poupando a humilde casa indígena que servia para as nossas reuniões, a poucas centenas de metros dali. No ano passado o governo, desejando dar mais ênfase ao

Dia das Mães, pediu ao bispo católico e ao missionário adventista para organizarem o programa. Constituiu um espectáculo invulgar ver estas duas pessoas sentadas à mesma mesa e discutindo os pormenores do programa com o representante do governo. Em 1950 houve 53 baptismos na Reunião. — *A. Meyer.*

África do Norte

Nosso evangelista de Paris, Carlos Winandy, iniciou uma nova campanha de evangelização em Alger. Escreve ele: «Antes de começar o esforço passámos o Sábado com a igreja de Alger em jejum e oração. Na primeira reunião a assistência foi de cerca de quinhentas pessoas, o mesmo sucedendo na segunda; na terceira noite, estavam mais de seiscentas pessoas presentes, grande parte das quais ficaram de pé. Os nossos coobreiros são bem recebidos pelo público.

«Um jornal local publicou um artigo intitulado 'Estais vós preparados?', que falava do 'tocante apelo dado por um conferencista de Alger... O único remédio seguro é a vinda de Cristo. Esta conferência veio como um bálsamo para curar as chagas que cada um, talvez sem o reconhecer, trás dentro de si'».

Os Davidianos e o espírito de profecia

O REINO DAVIDIANO

O ponto culminante e distintivo da mensagem davidiana, que dá origem ao seu próprio nome, encontra-se no estabelecimento do reino de David, num próximo futuro e antes da segunda vinda de Cristo, em Jerusalém.

Segundo o seu ponto de vista, mais uma vez baseado na interpretação privada das profecias, quando se soltarem os ventos e vier o tempo de angústia, os 144.000, cristãos descendentes de israelitas segundo a carne, irão para a Palestina, onde estabelecerão um reino. Daí lançarão o alto clamor, ou seja, o último apelo ao mundo, e uma grande multidão será agregada ao povo de Deus, terminando em seguida o tempo da graça.

Como se poderá ver abaixo, as afirmações davidianas não se harmonizam com o Espírito de Profecia, quer na interpretação dos acontecimentos quer na ordem cronológica dos mesmos.

DAVIDIANOS

O Reino Davidiano

Terá lugar na terra, antes da segunda vinda de Cristo. É o quinto reino de Daniel 2. Aí morará o lobo com o cordeiro, etc., segundo a profecia de Isa. 11:6-9.

ESPIRITO DE PROFECIA

O Reino Davidiano

Antes da segunda vinda de Cristo, os crentes não estarão em reino algum, no sentido davidiano, não se estabelecerá o reino final de Dan. 2, nem se cumprirá a profecia de Isa. 11:6-9.

«Estes acontecimentos culminarão no estabelecimento do Reino (Dan. 2:44; Isa. 2:1-4; Miq. 4; Ezeq. 37), no qual os 144.000, que seguem o Cordeiro 'para onde quer que vai' (Apoc. 14:4), estarão com Ele no Monte Sião (Apoc. 14:1) e aí receberão 'as riquezas das nações'. Isa. 60:5,11.» (*Fundamentals Beliefs*, art. 9).

«'A pedra' (Dan. 2:45; Zac. 3:9), os 144.000 (Apoc. 14:1), 'cortada do monte [a igreja de Laodiceia] sem mãos' (sem o auxílio humano), há-de quebrar as nações que são simbolizadas por 'o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro' da grande imagem. ...Assim 'nos dias destes reis o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos e será estabelecido para sempre.' Dan. 2:44.» (*Mount Zion at the 11th hour*, p. 63).

«'O que vencer' sendo ao mesmo tempo o que há-de 'reger as nações' 'com varas de ferro', e não sendo Sua mas dos Seus seguidores a necessidade e a obra de vencer, é evidente a verdade de que o Senhor terá uma nação vitoriosa — um reino através do qual manifestará Seu grande poder e que será um reino de paz.» (*Ibid.*, pp. 64, 65).

É a este reino que se aplicam as palavras de Isa. 11:6-9: «E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e a nédua ovelha viverão juntos, e um merino pequeno os guiará.» (*Ibid.*, p. 65).

Os Cidadãos do Reino

Serão os 144.000, ou seja, os Davidianos, descendentes carnis dos israelitas, que foram vistos pelo profeta no Monte Sião, ou seja, em Jerusalém.

«[A Conversão] não pode fazer de ninguém um judeu se não descender de Judá, nem um efraimita se não descender de Efraim. Por conseguinte, os 144.000, sendo filhos de Jacob, não podem ser das nações gentílicas. São, portanto, primeiro que tudo, descendentes lineares de Jacob.» (*Mount Zion at the 11th hour*, p. 8).

«Estes 144.000 são descendentes das 12 'tribos dos filhos de Israel' e para que não haja nenhum equívoco sobre a identidade deste número especial, pois podia haver, como de facto há, alguns que pensem que estes são gentios, ele especifica que os antepassados ou ascendentes deste número são os 12 filhos de Israel, dando até mesmo o nome de cada uma dessas tribos, para que ninguém pensasse que os antepassados deste grupo fossem gentios. Sim, este povo é também carnal e espiritual, como o era o apóstolo Paulo, e praticamente toda a igreja primitiva cristã, que se compunha toda de judeus.» (*Voltarão os judeus à sua pátria ou não?*, p. 4).

«O Cordeiro, que está primeiro adiante do trono no céu, está depois com os 144.000 no Monte Sião, na terra... Esta cena ocorre no Monte Sião, local do palácio terrestre do Rei.» (*Mount Zion at the 11th hour*, p. 5).

«Não poderá o seu povo receber o reino antes do advento pessoal de Cristo. ...O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição actual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros.» (*O Conflito dos Séculos*, pp. 322, 323).

«Em torno da Sua vinda agrupam-se as glórias daquela 'restauração de tudo', de que 'Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas desde o princípio'. Quebrar-se-á então o prolongado domínio do mal; 'os reinos do mundo' tornar-se-ão 'de nosso Senhor e de Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre'. 'A glória do Senhor se manifestará' e toda a carne juntamente a verá. 'O Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações'. Ele será 'coroa gloriosa, e por grinalda formosa, para os restantes de Seu povo'.

«É então que o pacífico e longamente desejado reino do Messias se estabelecerá sob todo o céu.» (*O Conflito dos Séculos*, p. 301).

«O nosso reino não é deste mundo. Aguardamos que nosso Senhor venha do céu à terra para abater toda a autoridade e poder, e estabelecer o Seu reino eterno.» (*Testimonies*, vol. 1, pp. 360, 361).

As palavras de Isa. 11:6-9 são citadas como referindo-se à condição futura dos remidos, na nova terra. (*O Conflito dos Séculos*, p. 675).

Os Cidadãos do Reino

Não é apresentada a identificação carnal dos 144.000; o Monte Sião, em que são vistos, não é na terra, mas no céu.

«Não é Sua vontade que entrem em controvérsia sobre assuntos que não os auxiliarão espiritualmente, tais como quem há-de formar os 144.000. Os eleitos sabê-lo-ão sem dúvida dentro de breve tempo.» (*Manuscrito n.º 26*, 1901).

«E olhei e eis que estava o Cordeiro sobre o Monte Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome d'Ele e o de Seu Pai'. Neste mundo as suas mentes eram consagradas a Deus; eles serviam-n'O com o intelecto e com o coração; e agora Ele pode pôr o seu nome nas suas testas'...

«Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro'. A visão do profeta descreve-os como estando no Monte Sião, cingidos para o santo serviço, vestidos de vestidos brancos, que é a justiça dos santos. Mas todos os que seguem o Cordeiro no céu devem primeiro tê-lo seguido na terra, não por paixão ou capricho, mas em confiante, amante e voluntária obediência, como o rebanho segue o pastor.» (*Acts of the Apostles*, pp. 590, 591).

Ao mesmo tempo que foram mostradas a João as grandes lutas da igreja com os poderes da terra, foi-lhe também permitido presenciar a vitória e a libertação final dos fiéis. Ele viu a igreja levada a um conflito mortal com a besta e a sua imagem, e obrigatória a adoração dessa besta sob pena de morte. Mas olhando para além do fumo e ruído da batalha, ele presenciou um grupo sobre o Monte Sião com o Cordeiro, tendo, em vez do

signal da besta, o 'nome do Pai escrito nas suas testas'. E de novo viu 'os que saíram vitoriosos da besta e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus', cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro.» (*Testimonies*, vol. 5, pp. 752, 753).

«Penetrámos juntos a nuvem, e subimos durante sete dias até ao mar de vidro, quando Jesus trouxe as coroas, e com a Sua mão direita as colocou em nossas cabeças. Deu-nos harpas de ouro e palmas de vitória. Ali no mar de vidro estavam os 144.000 num perfeito quadrado.» (*Testimonies*, vol. 1, pp. 60, 61).

«No mar cristalino diante do trono, naquele mar como de vidro misturado com fogo — tão resplendente é ele pela glória de Deus — está reunida a multidão dos que «saíram vitoriosos da besta e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome'. Com o Cordeiro sobre o Monte Sião, 'tendo harpas de Deus', estão os cento e quarenta e quatro mil que foram remidos dentre os homens. ...Estes, tendo sido trasladados da terra, dentre os vivos, são tidos 'como as primícias para Deus e para o Cordeiro'. 'Estes são os que vieram da grande tribulação'; passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflicção do tempo da angústia de Jacob; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Mas foram livres, pois 'lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro'. 'Na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis' diante de Deus. 'Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo, e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.'» (*O Conflito dos Séculos*, pp. 648, 649).

Território

Será a Palestina. Cumprimento literal de algumas profecias.

«Os filhos de Israel, dispersos e sem rei durante estes 'muitos dias', 'tornarão', não como judeus, mas como cristãos. Esta consolidação dos dois antigos reinos de Judá e Israel é apresentada no simbolismo da união dos dois pedaços de madeira (Ezeq. 37:16-25).» (*Mount Zion at the 11th hour*, pp. 13, 14).

«O tempo da angústia de Jacob (Jer. 30:7) para os 144.000, filhos de Jacob, faz com que logicamente eles se encaminhem para o lar (Gén. 32:1, 24), para a terra de seus pais (Ezeq. 36:28; 37:21,25). (*Fundamental Beliefs*, art. 7).

Território

As profecias apresentadas pelos davidianos não têm um cumprimento literal.

«Aquilo que Deus se propôs fazer em favor do mundo por intermédio de Israel, a nação escolhida, realizará finalmente através da Sua igreja na terra, hoje. Ele arrendou 'a vinha a outros lavradores', ao Seu povo observador da lei, que fielmente 'a seu tempo Lhe dêem os frutos'. Nunca esteve o Senhor sem verdadeiros representantes nesta terra, que fizeram dos seus interesses os deles próprios. Estas testemunhas de Deus são contadas entre o Israel espiritual, e em relação a elas se cumprirão todas as promessas do concerto feito por Jeová com o Seu antigo povo.

«Gracias a Deus, a Sua igreja já não está em cativeiro. Ao Israel espiritual foram restituídos os privilégios concedidos ao povo de Deus na altura da sua libertação da Babilónia. Em todas as partes da terra, homens e mulheres estão respondendo à mensagem enviada do céu, que João o revelador profetizou seria proclamada antes da segunda vinda de Cristo: 'Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo.'

«Não mais as hostes do poder do mal conservarão a igreja cativa; porque 'Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vindo da ira da sua prostituição'; e ao Israel espiritual é dada a mensagem, 'Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante

dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas'. Como os exilados cativos prestaram atenção à mensagem. 'Saí do meio de Babilónia' e foram trazidos para a Terra da Promessa, assim os que temem hoje a Deus estão prestando atenção à mensagem para saírem da Babilónia espiritual, e em breve estarão como troféus da graça divina na terra renovada, na Canaan celeste.» (*Prophets and Kings*, pp. 713-715).

O trono de David

Será ocupado pelos davidianos — o antitípico David.

«A Sua igreja, ou reino, é de novo apresentada 'sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante' (Efés. 5:27), como uma teocracia de paz, segurança e invencibilidade, sob a direcção de um pastor e um rei — David, Seu servo.» — (*Mount Zion at the 11th hour*, p. 47).

«Mas o facto de que muitos reis reinaram sobre Israel pode levar alguns a perguntarem: Por que é David um tipo? Inevitavelmente porque é o único que perfeitamente se adapta ao antítipo — os dirigentes no tempo do Alto Clamor da Mensagem do Terceiro Anjo.» (*Ibid.*, p. 47).

Luz para os gentios

Será então dado o Alto Clamor e através deste reino uma grande multidão de gentios se converterão.

«A estes acontecimentos se seguirá o Alto Clamor do anjo que ilumina a terra com a sua glória (Apoc. 18:1), ao clamar outra vez: 'Saí dela, povo meu, etc.'» (*Fundamental Beliefs*, art. 10).

«Os 144.000 recebem o poder para realizar a obra final a favor do mundo e para reunir todos os seus irmãos de todas as nações. (Isa. 66:19,20; Apoc. 18:4). (*Ibid.*, art. 3).

«Os de 'Israel' que declaram à igreja a mensagem de assinalamento dos 144.000, não-declarar também a glória de Deus entre os gentios, ser a sua salvação até à extremidade da terra, e trazer todos os seus irmãos por presente ao Senhor dentre todas as nações. (Isa. 49:1-6; 66:19,20).» (*Mount Zion at the 11th hour*, p. 86).

Pelo exame que acaba de ser feito, uma vez mais se impõe a conclusão: ou continuar a defender os pontos de vista davidianos, e nessa altura abandonar o Espírito de Profecia; ou aceitar o Espírito de Profecia, e nesse caso rejeitar as interpretações davidianas.

Cremos que será a última, a atitude a tomar por qualquer adventista sensato.

O trono de David

Será ocupado por Cristo — o antitípico David.

«E assentar-Se-á e dominará no Seu trono, e será sacerdote no Seu trono' Agora não está 'no trono de Sua glória'; o reino da glória ainda não foi inaugurado. Antes que termine a Sua obra como mediador, não Lhe dará Deus 'o trono de David, Seu Pai'; reino que 'não terá fim'.» (*O Conflito dos Séculos*, p. 416).

«Ao 'profano e ímpio príncipe' tinha vindo o dia do ajuste final. 'Tira o diadema', decretou o Senhor, 'e levanta a coroa'. Antes de o próprio Cristo estabelecer o Seu reino, não seria permitido outra vez a Judá ter um rei. 'Ao revez, ao revez, ao revez a porei', foi o divino edicto acerca do trono da casa de David; 'e ela não será mais até que venha Aquele a quem pertence de direito e a Ele a darei.'» (*Prophets and Kings*, p. 451).

Luz para os gentios

O Alto Clamor não será dado depois de se soltarem os ventos e do tempo de angústia, como crêem os davidianos, tendo aplicação diferente a citação de Isa. 66:19,20.

«Jeová declarou ao profeta que enviaria as Suas testemunhas 'às nações, a Tarsis, Pul e Lud, ...a Tubal, e Javan, e às ilhas de mais longe'....

«O profeta ouviu a voz de Deus chamando a Sua igreja para a obra que Lhe era designada, para que se preparasse o caminho para o estabelecimento do Seu reino eterno...

«Estas profecias de um grande despertamento espiritual num tempo de trevas espessas estão hoje tendo o seu cumprimento nas linhas avançadas das estações missionárias que atingem as mais entenebrecidas regiões da terra.» (*Prophets and Kings*, pp. 374, 375).

E. FERREIRA

Que fazer aos sábados de tarde

por MARTA E. WARNER

Sempre que nos chega aos ouvidos a informação de que nossos jovens e crianças encontram dificuldades em ocupar as horas da tarde do sábado, e alguma irmã pede instruções sobre o que os filhos devem fazer nessas tardes, acho que haja alguma coisa errada, alguma falta, senão ninguém se referiria ao assunto.

Se eu fosse capaz de diagnosticar, logo chegaria à raiz, descobrindo o motivo da dificuldades; como não posso fazer isto, limito-me a procurar dar algumas sugestões, deixando que o Pai celestial faça o resto.

Se fosse apontar a dificuldade, a falta, creio que a acharia, tanto no princípio como no fim, dentro do lar; e depois, entre o princípio e o fim na escola sabatina e na Igreja.

A razão pela qual eu disse «no princípio e no fim», é porque os pais têm os filhos quando começa e quando termina o sábado, e quase a maior parte do tempo entre o começo e o fim. Se os pais chegassem a compreender que a guarda do sábado não é apenas cessar de trabalhar, e se não achassem dificuldade em ocupar seu tempo nas horas sagradas, então os filhos não encontrariam dificuldade em fazer o mesmo.

Mas se os pais agem diferentemente, se passam esse tempo precioso lendo jornais seculares, escutando a rádio ou tratando de negócios, então deve haver dificuldade com a criança.

Por alguns momentos, pensemos na sexta-feira, o dia de preparação. De direito, devíamos começar mais cedo na semana. No entanto, comecemos agora com a sexta-feira mesmo, às 3, 4, 5 ou mais horas da tarde. Deixo que o leitor escolha sua própria hora e peço que escreva o que estava fazendo então. Pense bem, minha irmã, veja o que estava fazendo, com honestidade. Estava já pronta, com os filhos e toda a casa, aguardando a chegada das horas sagradas do sábado? Ou estava correndo de um para outro lado, de maneira que as horas de sábado a encontraram ainda cuidando da limpeza?

Ou se, quase ao por do sol, a irmã olhou para o armário da comida e sentiu a falta da manteiga? E, lançando um olhar ao relógio, chamou a Joaninha, ou o Pedrinho, e disse: «Preciso de um pacote de man-

teiga. Toma este dinheiro e corre à mercearia para comprá-lo e trazê-lo, antes que o sol se ponha. Se não parares no caminho, poderás voltar antes que anoiteça?»

E a criança sai correndo mas, como havia muitos fregueses na mercearia, o empregado não pôde despachá-la logo, de maneira que só volta para casa tarde demais, com o sol posto.

A primeira ou a segunda vez que isto acontecer, a consciência pode protestar, mas depois da terceira ou quarta já esta pode ser calcada com uma desculpa: «O Senhor sabe muito bem de tudo. Ele sabe muito bem que não me esqueci de propósito; portanto, creio que Ele me perdoará desta vez». Bem, pode ser que Ele perdoe, mas tenho dúvidas a esse respeito.

Pode ser que a irmã, como dona de casa, tivesse todo o suprimento de que carecia, mas as horas sagradas a encontraram preparando a ceia, e as crianças correndo de um para outro lado. Ou talvez a irmã estivesse fazendo... Por que continuar? A irmã bem sabe de dezenas de coisas a serem feitas — coisas que não devia estar a fazer e pelas quais Deus a julgará responsável; e é por isso que começa a falta de paz das crianças, na sexta-feira de tarde, no lar. E esse estado de inquietude, de desassossego, aumenta, com a chegada das horas sagradas.

Passemos agora a considerar as horas do meio do sábado, a Escola Sabatina e o culto.

Conhece os professores das crianças, na Escola Sabatina? Sempre os convida a sua casa? Sabe se eles frequentam com regularidade a classe de professores? Sabe se eles despertam interesse pelo assunto da lição? Podem prender a atenção das crianças mesmo das que são inquietas?

As crianças voltam para casa falando sobre o que o professor disse ou fez, e sobre o que elas poderão fazer para ajudá-lo no próximo sábado? exercício para o sábado, podemos dizer, é algum tópico interessante, referente ao país ou ao povo de que trata a lição?

Têm elas, de ordinário, uma pequena história para decorar, ou alguns versos

para recitar, ou alguma outra coisa, que sirva para ilustrar pontos da lição?

Agora mesmo vou contar a história de uma senhora, uma história verídica duma mãe que tinha seis filhos em casa.

Para ela, o sábado tinha significado especial, diferente dos outros dias, pois reconhecia que o Senhor o havia santificado e que o Espírito de Cristo o havia tornado sagrado. Desde que ela creu nesta verdade, sabia que devia guardar o sábado como Deus deseja que o façamos, isto é, começando os preparativos a partir do primeiro dia da semana, para se aproximar bem d'Ele, abrindo o coração para que Jesus possa entrar e continuar presente durante todos os dias da semana. Com a chegada do sétimo dia ela estava livre de qualquer preocupação secular e podia repousar com Cristo em Seu Santo dia.

Era com este pensamento que o trabalho da semana se planeava. O dia de preparação tinha o significado que lhe era dado pela Palavra de Deus. Preparava-se a comida, engraxavam-se os sapatos, o vestuário do sábado estava em ordem, todos tomavam banho, embora essa família morasse tão longe da Igreja, que não podia ir à Escola Sabatina.

Quando o sol estava descendo no ocaso, essa boa gente achava-se reunida na sala de visitas, repetindo os dez mandamentos. Cantavam hinos, pronunciavam orações, uma história pequenina era contada, havia palestra íntima, de coração a coração e, quando menos esperavam, era hora de dormir.

Sábado de manhã todos se levantavam cedo, felizes, tendo cada criança sua tarefa a desempenhar. As galinhas e os animais eram alimentados e punham água para eles beberem durante o dia. Logo chegava a hora do culto familiar, depois a refeição e, em seguida, os preparativos para a reunião que para eles começava às 10 horas.

Quando a mãe começava a tocar um hino de marcha ao piano, os filhos logo entravam em fila e tomavam seus assentos, nas cadeiras que haviam sido previamente arranjadas. Como uma única excepção, o culto era realizado como se fosse numa Igreja ou numa Escola Sabatina regular: ninguém precisava usar o trimensário, nem a Bíblia, por que todos sabiam muito bem a lição. As perguntas que eram feitas tinham por objectivo salientar as lições aprendidas da Palavra de Deus; discutiam sobre a localização geo-

gráfica, e apresentavam quadros ilustrativos. Quando terminava a Escola Sabatina, ninguém suspirava sentindo alívio, nem o pequenino de quatro anos de idade reclamava coisa alguma. Depois era lido um sermão de uma de nossas revistas. Por fim, as crianças se retiravam da sala, trocavam de roupa e se preparavam para o almoço ao meio-dia.

Chegava a tarde. Nenhum perguntava: Que farei? Já era um hábito estabelecido fazerem um passeio a qualquer parte — se no bosque, faziam uma lista dos nomes de árvores e flores, colhiam o que achassem mais interessante, apanhavam musgo e familiarizavam-se com os pássaros e quaisquer animais que aparecessem. O pai ensinava aos filhos a conhecer a idade das árvores e a fazerem sua identificação pelas folhas, assim como pela casca. Na Primavera as crianças voltavam com as mãos cheias de plantas e flores belíssimas, e os meninos com os bolsos cheios de tesouros.

Ao regressarem do passeio, havia uma hora de repouso. A mãe ia descansar e cada criança ficava à vontade. Uma arranjava que ler, outra pintava, outra brincava com bloquinhos de madeira ou de papelão, outra procurava juntar pedaços de um mapa serrado em madeira e ainda outra coloria os cartões bíblicos. Quando a mãe saía do quarto comprazia-se em admirar as muitas coisas feitas e em ouvir a conversa dos filhos. Depois de tudo isso, a família reunia-se de novo na sala de visita e todos repetiam os versículos da Bíblia, contava-se alguma história ou estudavam caracteres bíblicos.

Quando o sol descansava, no poente, contavam um hino:

*«Desce o sol atrás dos montes,
E a tarde já chegou.
Calma e quieta vem a noite,
Porque mais um dia findou.»*

Depois do hino havia oração e tudo estava terminado.

O filho mais velho dizia: «Quem dera que o sábado fosse mais frequente», enquanto o mais pequenino se expressava assim: «Oh! Mamã, eu queria que todos os dias fossem sábado».

Pediram-me para escrever sobre o que fazer aos sábados de tarde e, depois de tentar desobrigar-me da responsabilidade, terminei com uma história. Ajudarão estas palavras a alguém?

O MOVIMENTO ADVENTISTA NOS AÇORES

Tivemos o privilégio de ultimamente passar para cima de um mês com os nossos irmãos dos Açores, sempre na solícita companhia do Pastor João A. Esteves, director da Missão Açoreana.

Apesar das suas belezas naturais, o arquipélago não é dos campos mais fáceis para a pregação do Evangelho. A intolerância e o fanatismo são comuns. Ali vimos as ruínas de uma sala evangélica, incendiada criminosamente há alguns anos. Ali presenciamos também pessoas dirigindo-se ajoelhadas a certa igreja, beijarem a porta fechada, baterem a ela, porem o ouvido à escuta como se alguém respondesse e então rezarem demoradamente, cá fora, de joelhos.

Por outro lado, porém, de todas as ilhas há grande número de representantes na América, tendo sido esse um meio para muitas pessoas alargarem as suas vistas e aceitarem mais facilmente o Evangelho.

A mensagem adventista penetrou nos Açores em 1931 por intermédio da colportagem. O primeiro obreiro enviado foi o Pastor E. P. Mansell, em 1934, que dirigiu o trabalho até 1940, ano em que foi substituído pelo Pastor M. Lourinho, até que em 1949 o Pastor João A. Esteves lhe sucedeu.

Em cada um dos distritos do arquipélago — Ponta Delgada, Angra e Horta (a que pertence o Pico) — temos a obra estabelecida.

Damos a seguir notícia do trabalho nas diversas igrejas e grupos, segundo o que pudemos observar na visita agora feita.

Ponta Delgada

Suscitado o interesse pelo trabalho dos nossos colportadores, começou a reunir-se um pequeno núcleo em casa da Ir. Maria da Glória Soares, onde se estudava a Escola Sabatina. Mais tarde, em Setembro de 1934, desembarcava em Ponta Delgada o Ir. E. P. Mansell, vindo da Madeira, que alugou uma sala no centro da cidade, por cima do Consulado Britânico. Em 12 de Dezembro do ano seguinte baptizavam-se as seis primeiras almas.

O Ir. Mansell foi substituído pelo Ir. Manuel Lourinho em 1940, que, por sua vez, em 1948, deu lugar ao Ir. Manuel Miguel, que ali se encontra actualmente.

A igreja conta hoje 59 membros, que se reúnem na Rua dos Mercadores, 77. A sala encontra-se num segundo andar, depois de se ter passado por uma entrada pouco convidativa e de se ter subido os lanços de pedra de uma escada íngreme. Estamos certos de que é justificada a aspiração, manifestada em geral pelos membros, de uma sala que represente melhor o Movimento.

Durante a nossa estadia, realizaram-se reuniões públicas, com considerável assistência, encontrando-se ali pessoas talvez pela primeira vez.

No Sábado, 7 de Abril, realizaram-se três baptismos, celebrando-se em seguida a Santa Ceia. À tarde, assistimos a uma concorrida e interessante reunião de jovens.

Temos membros espalhados por diferentes locais da ilha, com reuniões regulares em salas alugadas na Relva e no Pico da Pedra. Nesta última localidade temos quatro irmãos que, apesar de toda a oposição e ameaças, têm continuado a testemunhar firmemente a sua fé.

Pico

Vive na América uma crente picoense, a Ir. Lídia Madsen, alma verdadeiramente missionária, que não descansou até que o Pico tivesse o conhecimento da mensagem. E assim, em 1947, veio até à sua ilha natal, onde passou cinco meses, sendo incansável em bem fazer e em anunciar a mensagem. Como resultado, surgiu o trabalho no Pico.

Não contente com o que havia feito pessoalmente, construiu à sua custa em S. António, uma igreja, que ofereceu ao Movimento. Como a casa de oração evangélica de Ponta Delgada não tem o aspecto exterior de igreja, é este o único edifício não católico, com forma de templo, existente em todo o arquipélago dos Açores.

A igreja conta 28 membros. Quando se realizaram os primeiros baptismos, em 1949, os sinos da igreja católica tocaram a finados, como se tivesse morrido gente. Com efeito, foi acertada a medida, pois que nesse momento os nossos irmãos morriam para o mundo e renasciam para uma nova vida. Continuou durante algum tempo a oposição, sob as mais variadas e

por vezes cómicas formas, até que hoje estamos certos de que o Pico é a ilha em que se observa melhor conceito do público relativamente aos adventistas.

Ficámos verdadeiramente sensibilizados com a afluência e atenção do público às reuniões durante os dias em que ali estivemos.

Não nos esquecerão também facilmente os irmãos da ilha — a sua alma sensível, o seu espírito compreensivo, a sua sinceridade, o seu amor pelo estudo da Palavra de Deus. O Sábado, em que celebrámos a Santa Ceia, será lembrado por nós enquanto vivermos.

Estamos certos de que o Senhor tem grandes coisas a fazer por intermédio da igreja do Pico. Oramos para que o Ir. Raúl Menezes, actual obreiro ali, seja revestido do poder do Alto e seja um guia solícito daquele amado rebanho.

Além das reuniões em Santo António, temos uma reunião semanal no Cais do Pico, e duas nos Fetais da Piedade, onde um notável interesse foi suscitado pelo Ir. António Duarte e onde temos cinco membros baptizados.

Horta

A meia hora do Pico, fica o Faial, em cuja capital, a cidade da Horta, já penetrou a mensagem. Ali temos um membro, que teve conhecimento do Evangelho através dos seus tios e nossos amigos pessoais os Irs. Rodrigues, que vivem na Califórnia. Em casa desta irmã realizámos duas reuniões, com a assistência de umas vinte pessoas. Presentemente encontra-se na Horta outro membro baptizado.

Necessitaríamos de uma sala nesta cidade, podendo o trabalho ser realizado pelo obreiro do Pico.

Flores

Há cerca de 20 anos, uma senhora católica desta ilha comprara na América alguns livros adventistas em português, entre os quais «A Nossa Época e o Destino do Mundo», de W. Spicer. Vindo de visita aos seus, deu-os, sem nunca os ter lido, a um parente, Laureano Inácio Cardoso, que aceitou a verdade do Sábado, embora não soubesse que havia um povo que o guardava. Tendo este senhor mais tarde conhecimento de que a igreja adventista observava o Sábado, entrou em contacto com o Pastor Manuel Lourinho, que o foi visitar, vindo a ser baptizado em 1947.

Hoje o grupo das flores conta seis membros baptizados, que, naquela ilha longínqua, constituem outros tantos atalaias do Evangelho do reino.

Angra do Heroísmo

Vindo das Flores para a Terceira, detivemo-nos umas horas em S. Jorge, onde visitámos o Ir. Quadros que, com sua família, testemunham do Evangelho naquela ilha.

Passámos finalmente alguns dias em Angra, em contacto com a igreja, que conta 29 membros.

O conhecimento da mensagem aqui data de 1937, ano em que um colportor entrou em contacto com o Ir. José Mendes de Sousa, que veio a baptizar-se com mais cinco membros em 1942.

O primeiro obreiro a residir na Terceira foi o Ir. Samuel dos Réis, que justamente acabava de chegar, sendo em 1945 substituído por L. Simões. Em meados de 1948 estabelecia-se em Angra o Pastor Manuel Lourinho, até que em Outubro de 1949 veio o actual obreiro e director da Missão, Pastor João A. Esteves.

A sala de Angra, na Rua 5 de Outubro, 14, apesar de pequena, convivia como poucas ao recolhimento e à oração. Ali se realizaram algumas reuniões públicas, bastante concorridas, além de outras para os membros de igreja e de uma bela reunião de jovens.

Creio que se poderá sentir feliz o obreiro que tenha de estar à frente destes irmãos, tão zelosos e fiéis.

Além do trabalho na cidade, são feitos semanalmente estudos bíblicos noutros locais, como Posto Santo e S. Bárbara. Nesta última localidade falámos em casa de uma irmã, cuja história, em que vemos tão patente a mão de Deus, será contada pelo Pastor Esteves no próximo número da «Revista Adventista».

Nas Lagens, temos tido, além da Ir. Sellyer, adventista americana, diversos membros portugueses, que trabalham no campo de aviação e são testemunhas vivas do Evangelho.

Perspectivas

São animadoras as perspectivas da obra nos Açores.

Os obreiros, ali reunidos conosco, fizeram planos definidos para um trabalho de evangelização mais intenso.

Estamos certos de que o Senhor os aju-

dará a alcançar o alvo de almas que cada um se propôs e realizar grandes coisas para o progresso da mensagem.

No momento em que escrevemos estas linhas, encontra-se nos Açores o Ir. Fernando Mendes, iniciando dois colportores

— os Irs. Adelino Nunes Diogo e José da Costa. Assim a obra, que ali começou com a colportagem, está sendo levada avante no mesmo espírito que animou os nossos pioneiros.

ERNESTO FERREIRA

NOTÍCIAS DO CAMPO

CONFERÊNCIA

Porto

Estou escrevendo de Vila Meã, em 18 de Março de 1951.

Foi desta pequena região nortenha, a 47 quilómetros do Porto, que saíram os primeiros conversos adventistas do Norte de Portugal.

Durante muitos anos, porém, manteve-se esta localidade privada de ouvir a Mensagem do Advento, até que um dia um simpático lavrador da região se dignou oferecer-nos gentilmente a sua casa para que de novo o som das Verdades Eternas ecoasse vibrante aos ouvidos dos seus conterrâneos. Foi o Irmão Viegas quem primeiro ali foi. Avisado também da nossa visita, o bondoso Sr. Pereira, apesar do avanço da sua idade, vai pelos caminhos e valados, convidando as almas sedentas a virem a sua casa beber da água viva na fonte do Evangelho.

É bem digno de registo o apreço, o esforço e entusiasmo verdadeiramente missionário do nosso simpático amigo.

Quando da nossa recente visita ali passou-se o seguinte caso:

Tendo o pároco da vila conhecimento da nossa ida àquele lugar convocou todos os fiéis, e na igreja fizeram preces à Virgem para que impedisse o nosso projecto, enviando chuva abundante naquele dia em que nos devíamos reunir ao ar livre, na eira do nosso amigo, com algumas dezenas de pessoas para estudo e meditação do Evangelho. Contou-nos o Sr. Pereira que, enquanto na igreja da localidade muitos pediam à Virgem enviasse chuva, o nosso futuro irmão, no seu quarto, sôzinho, rogava ao eterno e verdadeiro Deus a graça de um belo dia. Foi ouvido o nosso futuro irmão e nós pudemos fazer a nossa reunião, iluminados e acariciados pelo Sol de um belíssimo dia.

Terminada que foi a nossa tarefa, naquela tarde em Vila Meã o tempo mudou e a chuva veio surpreender-nos ao entrarmos no Porto.

Louvamos a Deus pela manifestação do Seu poder e amor, e rogamos-Lhe fervorosamente abençoar aquelas almas que têm escutado a mensagem. Os que vêm ouvir-nos, e alguns até de bem longe, instam para que ali vamos mais vezes, o que pretendemos fazer, se para isso Deus nos conceder as necessárias forças.

Aqui no Porto estamos também iniciando o nosso esforço com bons resultados, pois a nossa casa tem-se enchido, graças a Deus. Em Avintes e Canelas continuam também animados e dispostos ao progresso espiritual.

Irmãos, orai pelo nosso trabalho.

JOSÉ JÚLIO PIRES

Tomar

— Cabe-nos o doloroso dever de comunicar que os M. V. de Tomar encontram-se de luto.

No passado domingo, 29 de Abril, o nosso jovem Alberto Pinto Ribeiro Carneiro, teve um terrível desastre de bicicleta, vindo a falecer no outro dia às 19 horas.

Sentimos, tanto mais a falta deste jovem, porque foi ele o princípio da conversão de toda a sua família.

No funeral, incorporaram-se mais de 300 pessoas, tendo todas elas ouvido o nosso testemunho, quer na Casa Mortuária, quer no Cemitério, de baixo do mais profundo silêncio.

Se nada mais temos a esperar do nosso Alberto, que ao menos, estas almas que ouviram alguma coisa de sua crença se possam arrepender e tenhamos a dita de encontrá-las no Reino dos Céus.

Servimo-nos da «Revista Adventista» para, uma vez mais, testemunhar à Família Pinto Ribeiro o nosso mais profundo pesar pela perda de seu tão chorado filho e mano.

Que Deus abençoe este Lar.

— Apesar de Satanaz procurar destruir a Igreja de Deus, levando os nosso queridos jovens, nem por isso atinge os seus fins.

Assim, somos a dizer que temos uma Classe Baptismal com dezasseis membros.

Oito aqui em Tomar — entre eles, os Pais e duas Manas do falecido Alberto; cinco nas Calçadas e três no Entroncamento.

Em face disto, pedimos a cada Irmão em Cristo, que se lembre destas almas em suas orações, para que tenhamos a dita de vê-las passar pelas águas do Baptismo no próximo mês de Junho, se Deus quiser.

Que Deus se digne abençoar a Sua Causa na nossa querida terra de Portugal. São os votos formulados pelo vosso conservo,

SAMUEL REIS

Ribeira de Nisa

De uma carta do Irmão Eduardo Marchão, director da Sociedade dos M. V., respigamos as seguintes linhas: «No dia de Páscoa, tivemos aqui uma linda festa na nossa sala de culto. Nessa festa fez-se ouvir a juventude da nossa igreja, com um belo programa. Foram recitadas lindas poesias, diálogos, variólogos e também belos coros. Os nossos irmãos de mais experiência deram-nos calor, com as suas amáveis palavras. Nesse dia tínhamos a nossa sala repleta de visitas. Até a coxia estava cheia.

«Agora estamos fazendo planos para a festa das Mães.»

CABO VERDE

Praia

Teve de ser sujeita a melindrosa operação, no dia 22 de Março, em S. Vicente, a esposa do Pastor Francisco Cordas. Em carta escrita pouco depois, era-nos dada a informação de que tudo decorrera normalmente. Oxalá que a nossa Irmã Cordas se encontre presentemente restabelecida por completo.

Está organizada nesta cidade uma classe baptismal de dez pessoas, que em breve esperamos ver baptizadas.

Do «Boletim dos Departamentos da Educação e Juventude da Missão Cabo-verdiana», transcrevemos a seguinte notícia acerca da Semana da Juventude:

«Na Praia, iniciou-se a Semana com uma reunião de oração realizada no Sábado, dia 10 de Março, a que compareceram todos os nossos jovens.

«No domingo, com a sala completamente cheia, iniciámos as nossas reuniões, que se estenderam por toda a semana. Em dias especiais, no fim da reunião dedicámos alguns momentos à oração, e com prazer ouvimos muitos jovens elevar as suas vozes em oração a Deus.

«Sábado, na Escola Sabatina, também tivemos uma assistência muito regular, onde compareceram muitos dos nossos jovens. Na tarde desse dia, cerca de vinte jovens fizeram distribuição de folhetos nos arrabaldes da cidade, e, depois desse trabalho efectuado, realizámos uma reunião em casa de uma nossa irmã.

«No domingo, de manhã, realizámos um passeio aos arredores, onde se fizeram jogos, etc.

«À noite, tivemos a nossa festa, com a sala completamente cheia e com a colaboração de todos os jovens. Ouvimos poesias, hinos pelo coro, etc. No final, recolhemos a oferta de sacrifícios e gratidão a Deus, que rendeu 55\$65.

«Tivemos também o prazer de ver alguns jovens que não víamos há muito tempo e que se encontram novamente no nosso meio.

«Graças a Deus por isso e por tudo o que nos ajudou a fazer durante esta Semana da Juventude.»

Brava

Escreve-nos o Irmão João de Mendonça: «Estamos a preparar seis pessoas para o baptismo, além das quais há outro candidato já preparado, que esperamos se decida em breve.

«As reuniões na Vila continuam sempre animadas, e para este ano temos duas almas ali para serem baptizadas.»

Fogo

Lemos numa carta do Irmão Gregório Rosa, escrita em 24 de Março:

«Não é exagero dizer que, ao pensarmos na promessa profética de Isaías em conexão com as bênçãos de que estamos sendo tlvos, ocorre-nos afirmar que parece estar-se ela cumprindo, de maneira particular, no progresso visível da igreja do Fogo. É deveras animador lembrar-nos que já temos dez almas preparadas para a cerimónia baptismal, facto este de que é sabedor o Irmão Director do Campo, o qual deve estar fazendo os seus preparativos para vir realizar os pri-

meiros baptismos em fins de Abril, se Deus quiser.

«Por outro lado, a bênção do Senhor faz-se sentir também particularmente no decurso da nossa Semana da Juventude. Iniciada numa atmosfera de sempre crescente espiritualidade, seus trabalhos finais permitiram-nos colher no último dia da reunião tão magníficos resultados, que jamais poderão ser olvidados por nós. Um bom grupo de jovens e adultos, não podendo resistir ao tocante apelo do Espírito Santo, levantou-se do lugar em que estava e ofereceu-se para fazer parte da grande Família Adventista. Imediatamente foram ouvidas vozes de ferventes orações ao céu, em sinal de gratidão e louvor a Deus por tão feliz acontecimento. E, assim, este bom sucesso permitiu-nos organizar uma segunda Classe Baptismal, que já está funcionando com dez membros, e em perspectiva de aumento, o que nos leva a assegurar que ainda antes de terminar o segundo trimestre teremos mais de dez baptismos a realizar. Mas que grandes e preciosas bênçãos, num meio tão duro e refractário como é o Fogo, terra do vulcão!»

MOÇAMBIQUE

Tomamos a liberdade de transcrever de uma carta do Irmão Samuel José Graça, de 29 de Abril, o seguinte trecho:

«Continuamos animados no nosso trabalho. Na primeira classe preparatória para o baptismo já contamos 1.300 pessoas. Destas podemos contar com um terço para os baptismos do próximo ano. Este ano, se Deus quiser, teremos de 75 para 100 baptismos.

«O que nós precisamos aqui é de mais gente diplomada para ajudar a preparar obreiros. Temos apenas seis obreiros indígenas, reconhecidos pelo Governo. Se Jesus estivesse aqui, diria as mesmas palavras que disse outrora: 'Grande é a seara, mas poucos os ceifeiros'.»

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA